

CRER SABER, SABER MAL E SABER POUCO – ANÁLISE DE TRÊS OPERAÇÕES COGNITIVAS EM UM POEMA

BELIEVING TO KNOW, BARELY KNOWING AND KNOWING LITTLE –
ANALYSIS OF THREE COGNITIVE OPERATIONS IN A POEM

Eliane Domaneschi PEREIRA
FFLCH - USP)
elianrev@gmail.com

RESUMO: Com base nas noções de operação cognitiva e percurso transgressivo como definidas por Fontanille no estudo “Un point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’”, e também nas relações entre modalização, tensão e identidade do sujeito traçadas por Cruz no artigo “Algumas considerações sobre o crer e o saber”, empreendemos a análise de um poema declamado por Antônio Abujamra no programa televisivo *Provocações*. O texto analisado põe em jogo as modalidades crer e saber, explora-as tematicamente e extrai alguns efeitos de sentido de sua oposição, exacerbação e atenuação, bem como do sujeito do saber em plenitude, vacuidade e falta.

PALAVRAS-CHAVE: crer; saber; operações cognitivas; percurso transgressivo; modalização; identidade.

ABSTRACT: Based on the concepts of cognitive operation and transgressive path as defined by Fontanille in the study “Un point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’”, and also on the relations between modalization, tension and subject identity drawn by Cruz in the article “Algumas considerações sobre o crer e o saber”, we undertake the analysis of a poem recited by Antônio Abujamra at the television show *Provocações*. This poem thematically explore the modalities knowing and believing and extract some sense effects from their opposition, exacerbation, attenuation and lack.

KEYWORDS: believing; knowing; cognitive operations; transgressive path; modalization; identity.

1. Introdução

Dentro do domínio teórico da semiótica da Escola de Paris, as modalidades crer e saber inicialmente são abordadas sob perspectiva eminentemente categorial, como a de Greimas no texto paradigmático *Le savoir et le croire: un seul univers cognitif*, capítulo de *Du Sens II* (1983). Posteriormente, elas passam por certa reformulação teórica, notadamente a feita por Zilberberg em *Razão e Poética do Sentido* (1988). Essa mudança da perspectiva *categorial* para *tensiva* em relação às modalidades em questão acompanha um movimento mais geral da teoria semiótica a partir da década de 1980,

quando surge a necessidade de dar tratamento teórico, para além dos conteúdos *inteligíveis*, também à dimensão *sensível* aderida aos discursos, ou seja, faz-se necessária certa reformulação teórica para que os conteúdos passionais possam ser semiotizados e, portanto, descritos, analisados e compreendidos enquanto elementos geradores de sentido.

A perspectiva tensiva permite, então, pensar em cifras tensivas associadas a uma paixão ou modalidade. Constituídas por um valor de intensidade e outro de extensidade, essas cifras substituem as equações de Greimas na análise das paixões, que operavam sob a lógica juntiva. Tal reformulação e posterior desenvolvimento do modelo teórico zilberbergiano também possibilitam a abordagem das *densidades de presença* (*plenitude, vacuidade, falta e inanidade*) e do *campo de presença* do sujeito na narrativa, bem como a concepção de um percurso narrativo como ascendência (+ +) ou descendência (- -).

Se, de modo geral, tais referências constituem o contexto teórico de base em que o presente artigo se insere, de modo mais específico, ao voltar-nos ao nosso objeto de análise (mais detidamente descrito a seguir), servimo-nos centralmente das reflexões e conceitos encontrados em dois estudos também desenvolvidos sob o paradigma da semiótica da Escola de Paris: o artigo de Fontanille *Un point de vue sur 'croire' et 'savoir'* (1982), em que o crer e o saber são concebidos como dois “sistemas de adequação” que têm suas operações cognitivas próprias e pressupõem juntos um mesmo sujeito cognitivo, capaz de passar de um sistema ao outro por meio de um *percurso transgressivo*; e o artigo *Algumas considerações sobre o crer e o saber* (2008), de Dilson Ferreira da Cruz, em que as noções de modalização, tensão e campo de presença do sujeito são colocadas em relação para que a identidade de dois sujeitos (o *fanático* e o *ingênuo*) possam ser descritas, analisadas e contrastadas.

Esses conteúdos teóricos específicos são aqui retomados e resenhados para atender ao objetivo de nosso artigo: descrever semioticamente e discutir três tipos de operações cognitivas (crer-saber, saber mal e saber pouco) realizadas por seus respectivos sujeitos (aquele que crê saber, o que sabe mal e o que sabe pouco) que se encontram discursivamente construídos em nosso objeto de análise - um poema, de autoria desconhecida e que não tem título, declamado por Antônio Abujamra ao final do

programa *Provocações*²⁵ do dia 26 de julho de 2011²⁶. O texto do poema se encontra integralmente apresentado no item 3 deste artigo, *Corpus*.

Desse modo, começamos nosso artigo comentando a ligação entre a modalização de um sujeito de acordo com o crer ou o saber e a definição de sua identidade e retomamos, para tanto, pontos centrais do artigo de Cruz (2008); em seguida apresentamos as definições de Fontanille (1982) para as noções de *operação cognitiva* e *percurso transgressivo*, ferramentas teóricas fundamentais para a análise ora proposta; mostramos nosso *corpus* e, finalmente, a análise deste, seguida de alguns comentários de caráter conclusivo.

2. Referencial Teórico

2.1 Modalização, tensão e tipologia de sujeitos

A estreita ligação entre modalização e delineamento da identidade do sujeito parece já estar expressa de antemão na teoria semiótica padrão, narrativa, visto que a configuração de um quadro modal para o sujeito constitui, de pronto, o relatório de sua competência para a ação. Se a metodologia de abordagem e descrição da identidade de sujeitos em íntima relação com sua modalização e operações modais correlatas mostra-se pertinente já no nível da gramática modal, cuja ênfase está na perspectiva categórica, ela ganha em alcance e profundidade, como vemos em estudos mais recentes, com a análise tanto das gradações tensivas projetadas nos eixos da intensidade e da extensidade por um *valor modal* como do ritmo e andamento que se instauram entre o sujeito e seus objetos, no caso de nosso estudo, cognitivos. Mais especificamente em relação aos termos abordados neste artigo, Fontanille destaca que:

²⁵ O programa *Provocações* é veiculado pela TV Cultura todas as terças às 23 h. O atração estreou em [6 de agosto de 2000](#) e é apresentada por Antônio Abujamra, que, depois de realizar uma entrevista com o convidado da semana, encerra o programa recitando textos de autores já consagrados da literatura, de autores estreantes ou de autoria desconhecida, caso do texto em análise. Conforme a produção da atração informou e pudemos confirmar com pesquisa de nossa parte, esse pequeno texto, além de não ter um autor definido, também não tem um título.

²⁶ Recomenda-se que a leitura de Abujamra seja assistida. Ela pode ser acessada em: http://www.youtube.com/watch?v=bhL-HyLvCj8&feature=feedu_more (acesso em 15/9/2013)

A distinção entre o saber e o crer é particularmente útil quando essas modalidades definem a identidade do sujeito. Tomemos como exemplo o sujeito que só visa objetos cognitivos no modo da intensidade máxima e da quantidade mínima: em se tratando de *saberes*, estaremos lidando com um *erudito*; em se tratando de *crenças*, teremos diante de nós um *fanático*. (FONTANILLE, 2007, p. 228)

Nessa afirmação de Fontanille, encontramos uma abordagem teórica que já considera e trabalha com as decorrências da consistência tensiva que as modalizações assumem. Tal aproximação leva em conta que:

(...) as modalidades tornam-se *valores modais*: isso se dá na sequência da projeção dos conteúdos modais sobre os gradientes da intensidade e da extensão, após uma coerção aplicada a esses gradientes sob a forma de um limiar. (FONTANILLE, 2007, p. 228)

Outro exemplo de aplicação desse tipo de protocolo de análise concernente às modalidades pode ser encontrado em *Algumas considerações sobre o crer e o saber* (CRUZ, 2008), artigo que nos apresenta um estudo semiótico sobre a paixão da *ingenuidade*, caracterizada, segundo aponta o autor, por um arranjo modal onde crer e saber se encontram em relação de oposição:

(...) o ingênuo não é apenas aquele que está em disjunção com um saber, mas que apresenta um crer excessivo e, por essa razão, reprovável. A ingenuidade nasce, portanto, de uma combinação especial das modalidades do crer e do saber: a primeira, demasiada; a segunda, escassa. (CRUZ, 2008, p. 2)

Sua abordagem teórica acerca do sujeito ingênuo inclui, além de definições dicionarizadas para “ingenuidade”, “ingênuo”, “fanatismo” (paixão a que a ingenuidade é contrastada) e “fé” recolhidas em *Le Petit Robert, International Dictionary of English* e *Houaiss*, a noção de campo de presença como espaço em que o sujeito relaciona-se com seus objetos cognitivos e a análise da tonicidade, em seu par opositivo átono/tônico, aderida à modalização. A partir desse gesto metodológico, Cruz consegue diferenciar o ingênuo, aquele que tem crer extenso e átono, do fanático, cujo crer é intenso eônico:

(...) a propensão do ingênuo para a crença indica que esse sujeito possui um campo de presença amplo, que lhe possibilita relacionar-se com uma extensa gama de objetos de saber. Embora não se possa afirmar de forma peremptória, é provável que a relação do ingênuo com sua crença tenda a ser átona, pois uma ligação tônica talvez dificultasse sua adesão a outras crenças. (...)

O fanático, diferentemente do ingênuo, é detentor de um querer também intenso e excessivo, o qual é responsável por sua paixão, pelo seu zelo, por seu apego às convicções. A convergência e a intensidade das modalidades do crer e do querer são responsáveis pela tonicidade que caracteriza as relações do fanático com seu objeto (...).

Enfim, embora tanto o crer do fanático quanto o do ingênuo sejam excessivos, o excesso se deve, no primeiro caso, à intensidade e, no segundo, à extensidade. O fanático tem um crer intenso que reduz seu campo de presença, o torna pouco extenso e faz com que raros sejam os objetos de saber visados e poucos aqueles nos quais ele crê. Por outro lado, o crer do ingênuo é extenso, por isso ele tende a capturar e apreender tudo que lhe dizem (...). Em contrapartida, sua ligação é átona, pouco intensa. (CRUZ, 2008, p. 3)

As operações de *triagem* e *mistura* associadas às modalidades também são verificadas pelo autor e contribuem para a distinção entre a ingenuidade, ligada à *mistura*, e o fanatismo, onde se destacam as operações de *triagem* (CRUZ, 2008, p. 4). Ritmo e andamento da relação entre o sujeito e seus objetos são outros dois aspectos próprios da abordagem tensiva dos textos que aparecem no estudo de Cruz e contribuem para a caracterização da paixão e, conseqüentemente, do sujeito sob análise pelo autor: Cruz aponta, para o sujeito ingênuo, um ritmo e andamento com os objetos mais velozes, visto que seu saber átono “funcionaria como um inibidor da tensão de sua relação com o objeto e tornaria suas crenças voláteis, efêmeras: da mesma maneira que as adquiriu, pode perdê-las” (CRUZ, 2008, p. 3).

É apropriando-nos de tais ferramentas e metodologia que nos lançamos à análise de nosso poema, em que, a partir de arranjos modais distintos, podemos depreender a construção discursiva da identidade de três tipos de sujeitos. Nosso objetivo é endossar a relevância teórica da vinculação das noções de modalização e tensão à construção identitária do sujeito e explicitar o fato de que a teoria semiótica logra descrever e explicar tanto o que une quanto o que separa sujeitos cognitivos, à primeira vista, tão apartados semanticamente quanto, por exemplo, o *ingênuo* e o *fanático*.

De fato, ela demonstra que tais sujeitos cognitivos são semioticamente regidos por princípios de funcionamento idênticos (modalizam-se segundo um crer, que se torna um valor modal com a projeção de conteúdos sobre gradientes da intensidade e da extensidade, estabelecem uma relação com seu objeto que é dotada de ritmo e andamento, etc.) e que sua distinção reside, no exemplo citado, em uma diferença de *extensão* e *tonicidade*, como apontado por Cruz (2008). Com esse exemplo, evidencia-se a importância da quantificação dos afetos - que, como já mencionamos na Introdução deste artigo, constitui-se como tema de interesse e tarefa teórica a ser encarada pela

semiótica ao fim dos anos 1980 - para o delineamento da identidade do sujeito e de suas paixões.

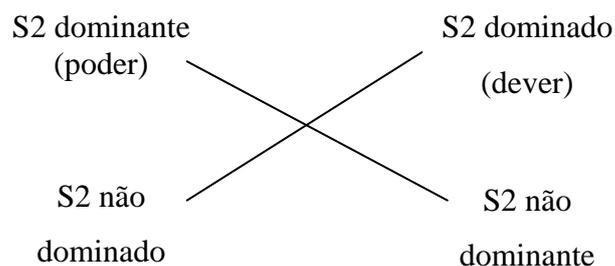
Dentre os estudos que formam nosso embasamento teórico, abordagens mais acentuadamente categóricas ou tensivas encontram-se cronologicamente distribuídas. Predominantemente categóricas, as articulações conceituais concernentes ao universo do crer e do saber como postuladas por Fontanille em seu artigo “Un point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’” (1982) contribuem centralmente para nossa análise e, portanto, são aqui retomadas e brevemente resenhadas.

2.2 As noções de *operação cognitiva* e *percurso transgressivo* segundo Fontanille (1982)

Em *Un point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’*, artigo de 1982, Fontanille defende a hipótese, comentada mais detidamente a seguir, de que o saber se constrói em torno de um /poder ser/, sendo dominado, dessa maneira, por modalidades *atualizantes*. Por outro lado, o crer é construído em torno de um /dever ser/ e é, portanto, dominado por modalidades *virtualizantes*.

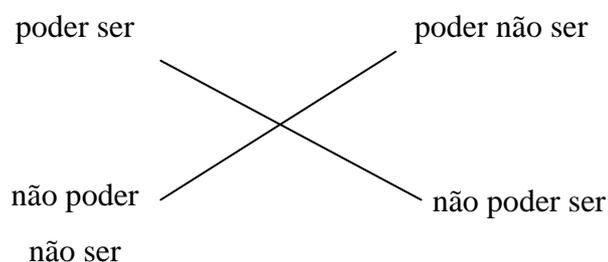
Como decorrência teórica, são delimitados “dois universos de racionalidade” (FONTANILLE, 1982, p. 11), denominados também como “dois sistemas de adequação cognitiva” ao longo do mesmo artigo, um concernente ao crer e o outro ao saber, que estão em relação e se encontram no mesmo nível do percurso gerativo de sentido. Independentemente no plano axiológico, os sistemas do saber e do crer são complementares, porque “pressupõem juntos um mesmo objeto e um mesmo sujeito cognitivo, suscetível alternadamente ao crer e ao saber” (FONTANILLE, 1982, p. 24). A passagem de um sistema a outro se dá por um *percurso transgressivo*, noção teórica construída, desenvolvida e demonstrada por Fontanille em seu artigo de 1982 e que tomamos como ferramenta teórica para a nossa análise.

O autor postula que “todas as diferenças entre os dois universos de conhecimento parecem depender em profundidade da relação do sujeito em respeito ao conhecimento, uma relação de dominação reversível” (FONTANILLE, 1982, p. 12):



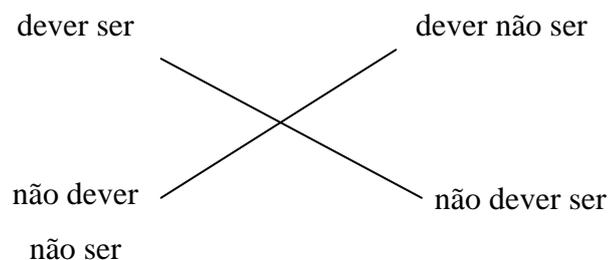
(FONTANILLE, 1982, p. 12)

Essa é a axiologia relacional sobre a qual se funda a oposição entre os dois universos cognitivos. Temos, assim, que a “modalização própria aos objetos da crença é o dever-ser, porque ela remete à dominação de outro sujeito (S1), e que a modalização própria aos objetos do saber é o poder-ser, porque ela remete estritamente ao desejo de domínio cognitivo do sujeito S2 sobre o objeto” (FONTANILLE, 1982, p. 12). Dessa forma, Fontanille também aponta que a oposição entre crer e saber é o equivalente cognitivo da oposição geral entre *manipulação* e *ação*. Sendo assim, quando os objetos circulam no universo do saber, eles percorrem o seguinte sistema:



(FONTANILLE, 1982, p. 14)

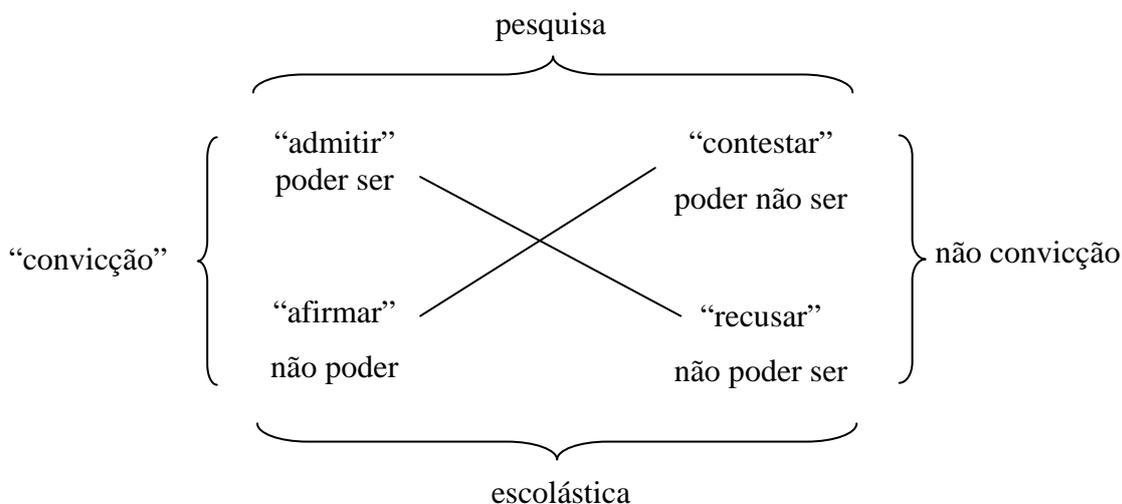
E, quando circulam no universo do crer, percorrem o sistema abaixo:



(FONTANILLE, 1982, p. 14)

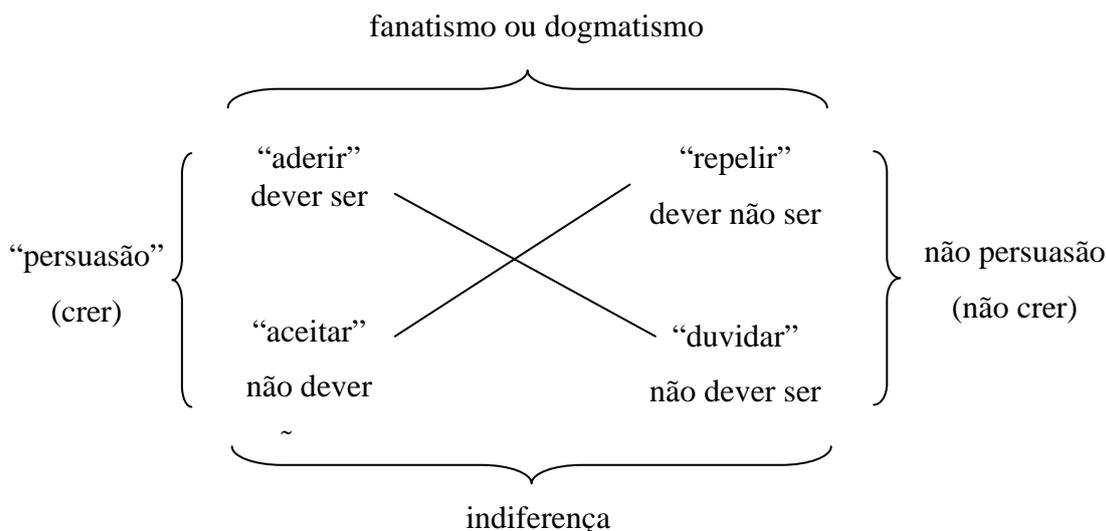
Em decorrência, as operações de adequação cognitiva são as seguintes:

a) Operações “científicas” (dominadas pelo saber):



(FONTANILLE, 1982, p. 20)

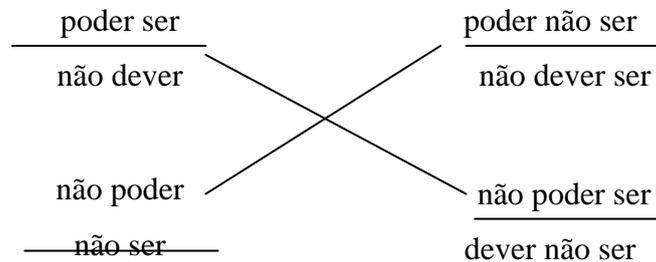
b) Operações “fiduciárias” (dominadas pelo crer):



(FONTANILLE, 1982, p. 20)

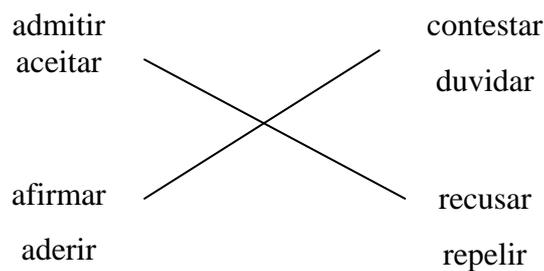
A partir disso, o procedimento teórico que enseja a noção semiótica de *percurso transgressivo* é a homologação dos quadrados das modalidades aléticas /dever-ser/ e /poder-ser/. A homologação é orientada pelo fato de que, como já descrito por Greimas e Courtés em seu *Dicionário de Semiótica* (2008), os termos /não poder não ser/ e /dever ser/ “mesmo repousando apenas em uma intuição semântica”, se encontram em “relação de complementaridade” (2008, p. 373). Assim, “a necessidade, por exemplo, seria um não poder não ser que pressupõe um dever-ser” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 373). Devido a essa especificidade inerente às modalidades aléticas, os

quadrados são homologados de maneira invertida. Para Fontanille, “essa solução evidencia singularmente a ligação paradoxal que une os dois sistemas” (do saber e do crer) (1982, p. 22). O resultado é o seguinte:



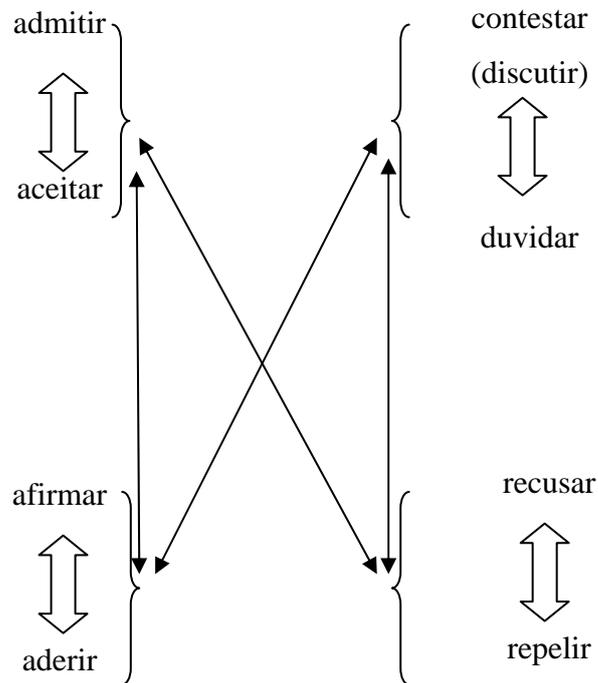
(FONTANILLE, 1982, p. 22)

A partir da homologação das modalizações, temos, em consequência, a seguinte homologação das operações cognitivas:



(FONTANILLE, 1982, p. 25)

As duas formulações homologadas apresentadas acima são “contraditórias, porque independentes no plano axiológico, mas complementares, porque pressupõem juntas um mesmo sujeito cognitivo, suscetível alternadamente ao crer e ao saber” (FONTANILLE, 1982, p. 24). É essa mobilidade do sujeito entre os dois sistemas modais no exercício de sua adequação cognitiva que o *percurso transgressivo* capta e representa teórica e graficamente. A adequação é uma operação cognitiva dinâmica, em que “‘crenças’ e ‘saberes’ se virtualizam uns aos outros. Quando as operações de adequação são atualizadas em um sistema, elas são virtualizadas no outro” (FONTANILLE, 1982, p. 27). A representação gráfica para a dinâmica das operações cognitivas e circulação do sujeito entre os dois universos de racionalidade, o saber e o crer, é a seguinte:



↔ transformações sobre o quadrado epistêmico, comuns aos dois sistemas, visto que cada modificação em um pressupõe uma modificação virtual no outro; estes são os percursos regressivos (negação) e progressivos (afirmação).

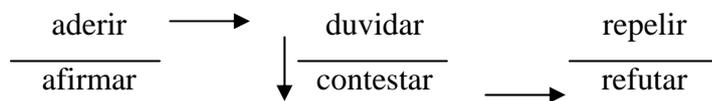
⇔ transformações entre os dois sistemas, por virtualização do precedente e atualização do precedido; estes são os percursos transgressivos.

(FONTANILLE, 1982, p. 28)

Assim, a transformação (da qual, como vemos, a transgressão configura um caso particular) situada na dimensão das modalidades, que é definida de forma geral em termos de negações ou afirmações por Greimas (1983, p. 116), como em “o crer por vezes repousa, e até mesmo se consolida, sobre a negação de um saber”, ganha especificações de âmbito operacional em Fontanille (1982). Podemos observar, em seu modelo descritivo, que a suspensão (virtualização) de um saber para que um crer se

instaure (se atualize) implica que o sujeito cumpra um percurso construído por operações cognitivas já projetadas na estrutura elementar da significação, o quadrado semiótico, e próprias de cada sistema, sobre as quais, então, o sujeito atua por meio de afirmações ou negações.

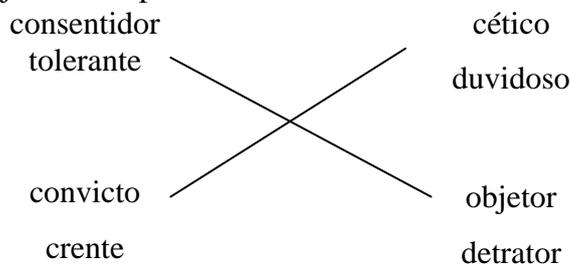
Da dúvida, por exemplo, o sujeito pode ir à contestação (em *percurso transgressivo*, saindo do universo do crer em direção ao saber) e, então, à refutação (em *percurso progressivo*, mantendo-se dentro do sistema modal do saber). Em nível narrativo, esse é precisamente o percurso de um sujeito em crise de fé que abandona uma doutrina, por exemplo. Quando a dúvida funciona como gatilho para o *percurso transgressivo*, de acordo com Fontanille, temos o seguinte esquema:



(FONTANILLE, 1982, p. 26)

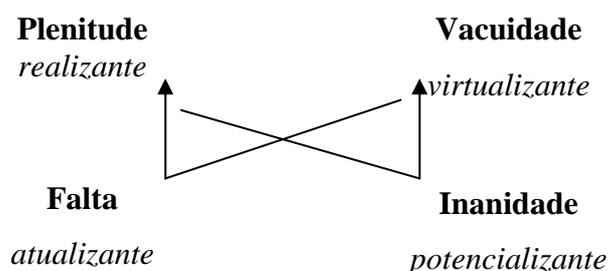
Podemos observar, assim, que as articulações conceituais concernentes ao universo do crer e do saber como postuladas por Fontanille, de onde se depreendem esquematizações gráficas como as observadas acima, permitem-nos destrinchar em nível narrativo, mas também profundo, uma numerosa tipologia de paixões, como a crise de fé, a cegueira pelo fanatismo, o cinismo do cético, a desilusão com a ciência, e de seus respectivos sujeitos imbuídos em narrativas: o tolerante, o desconfiado, o cético, o crente, o questionador etc., esquematizados da seguinte maneira de acordo com a homologação dos universos de racionalidade proposta por Fontanille:

(I) Os sujeitos interpretativos:



(FONTANILLE, 1982, p. 25)

Fontanille os concebe como diferentes tipos de sujeitos interpretativos que se distinguem pelo universo axiológico em que se encontram (crer ou saber), pelo fato de estarem atualizados (no universo do saber) ou virtualizados (no universo do crer) e pelas diferentes operações cognitivas que executam (modo de relacionamento com o objeto cognitivo). Tal arranjo teórico, ao assumir como significativa para o fazer epistêmico a distinção entre sujeito atualizado vs. virtualizado, nos remete às noções de *campo* e *densidade de presença* como definidas em Fontanille e Zilberberg (2001, p. 131 - 133), em que o “eu” semiótico habita um espaço tensivo onde “as modulações da presença e da ausência fornecem, em suma, a primeira modalização das relações entre o sujeito e o objeto tensivos, a *modalização existencial*”, na qual “a plenitude é *realizante*, a falta é *atualizante*, a vacuidade é *virtualizante* e a inanidade é *potencializante*”. Esquemáticamente, temos:



(FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 134)

As reflexões encontradas em *Tensão e significação* (2001) e também as providas por Zilberberg em *Razão e poética do sentido* (1988) estruturam nossa abordagem de elementos tensivos como a tonicidade, o ritmo e o andamento da relação entre sujeito e objeto e sustentam ainda a própria associação entre uma paixão e uma cifra tensiva. De fato, Zilberberg concebe as operações juntas como resultantes de modulações de velocidade e define o andamento como germe fundamental da produção de significado. E, uma vez que a velocidade determina qual é a experiência do sujeito no percurso narrativo, a abordagem do texto passa a proceder análises, como empreenderemos aqui, ancoradas nos eixos da intensidade e da extensidade, onde espaço e tempo (na extensidade) são regidos pelo andamento e pela tonicidade (na intensidade).

Essas noções teóricas se mostram pertinentes para a análise ora proposta, que toma como *corpus* o poema apresentado a seguir, que põe em jogo as modalidades crer

e saber, explora-as tematicamente e extrai alguns efeitos de sentido de sua oposição, exacerbação e atenuação, bem como do sujeito do saber em plenitude, vacuidade e falta.

3. Corpus

Nosso *corpus* de análise é composto por este breve poema recitado por Antônio Abujamra ao final do programa de TV *Provocações* do dia 26 de julho de 2011:

Há uma diferença muito grande entre saber e acreditar que se sabe.
Saber é ciência, acreditar que se sabe é ignorância.
Mas cuidado: saber mal não é ciência.
Saber mal pode ser muito pior do que ignorar.
Na verdade, sabe-se somente quando se sabe pouco.
Pois, com o saber, cresce a dúvida,
que é preciso idolatrar sempre.

O texto acima é uma transcrição baseada no áudio da leitura realizada por Abujamra. Portanto, aspectos formais do plano da expressão, como a métrica e o encadeamento dos versos, e o tom da voz empregado na leitura, não serão levados em consideração em nossa análise. O que privilegiamos aqui é a construção discursiva de três tipos distintos de sujeitos e a caracterização de suas operações cognitivas correlatas encontradas no texto.

4. Análise

4.1 “uma diferença muito grande”

O poema começa estabelecendo uma distinção entre “saber” e “acreditar que se sabe”. A “diferença muito grande” que caracteriza discursivamente a natureza do liame entre os dois tipos de “saber” em questão equivale, em nossa visada semiótica, à relação de oposição em nível profundo entre saber (“saber”) e crer (“acreditar que se sabe”). Tal oposição subjaz a muitas outras construções discursivas proverbiais e literárias. Não por acaso, Greimas cita no início de “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif”, capítulo de *Du Sens II* (1983), o provérbio “Nous savons tous que nous mourrons, mais nous ne le croyons pas”²⁷ (GREIMAS, 1983, p. 116) para chamar atenção ao fato de que saber e crer, nas línguas naturais, não somente se sobrepõem sem se confundir, mas

²⁷ Em tradução livre: Todos sabemos que vamos morrer, mas não acreditamos nisso.

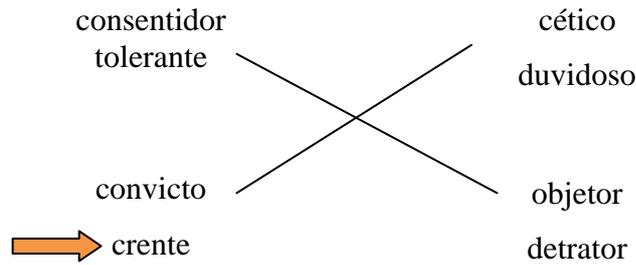
chegam a de fato se opor. Alexandrescu, em seu artigo *Saying and (Dis)believing* (1983, p. 16), nos fornece outro exemplo flagrante dessa característica dos verbos crer e saber nas línguas naturais ao tomar como epígrafe de seu texto o seguinte verso do soneto *CXXXVIII*, de William Shakespeare: “When my love swears that she is made of truth, I do believe her, though I know she lies”²⁸. A partir de tais exemplos, podemos observar que a relação de oposição contraída pelo crer e pelo saber, malgrado possa ser caracterizada como definidora de “uma diferença muito grande” entre uma coisa e outra, em vez de lograr distinguir os dois termos, afastando-os, termina por aproximá-los em imaginário humano, construído pela linguagem.

No segundo verso, “Saber é ciência, acreditar que se sabe é ignorância”, continua-se explorando os efeitos de sentido que a oposição profunda crer vs. saber é capaz de render em nível discursivo. A associação do termo saber à ciência e crer à ignorância acaba por alocar o saber na dêixis eufórica, enquanto a disforia fica reservada ao crer. É preciso atentar para o fato de que em “Saber mal pode ser muito pior do que ignorar” a figura da ignorância parece se referir efetivamente ao sujeito que ignora um objeto por ele estar fora do seu campo de presença. Não há, portanto, presença sensível. Não existe percepção do fenômeno por parte do sujeito e, conseqüentemente, ele não se modaliza (seja de acordo com um crer ou um saber) em relação a ele. Sumariamente, não existe relação.

Algo diverso, porém, pode ser depreendido da figura da ignorância no verso “Saber é ciência, acreditar que se sabe é ignorância”. Uma vez associada ao crer, a ignorância, aqui, pressupõe modalização e, portanto, percepção e relação. Se pensarmos em termos de tipologias de sujeitos interpretativos, o crer-saber é uma operação cognitiva comum tanto ao *ingênuo* quanto ao *fanático*, distinguidos por Cruz (2008), como vimos, em termos tensivos. Já de acordo com Fontanille (1982), ambos são sujeitos virtualizados que realizam operações fiduciárias dentro do universo de racionalidade do crer, dominados, portanto, por um dever-ser. Enquanto sujeitos interpretativos, ambos se caracterizam como “crentes”:

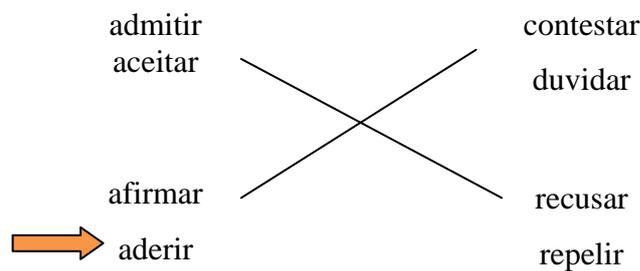
(I) Os sujeitos interpretativos:

²⁸ Em tradução livre: Quando minha amada jura que é feita de verdade, eu realmente acredito nela, apesar de saber que ela mente.



(FONTANILLE, 1982, p. 25)

E sua operação cognitiva predominante seria a adesão:



(FONTANILLE, 1982, p. 25)

Voltando-nos às relações de sentido, discursivamente construídas pelo poema em análise, o sujeito que crê saber (“acreditar que se sabe”), seja ele um ingênuo, um fanático ou, enfim, um crente, é um “ignorante”. Não pelo fato de não ter percepção do fenômeno, mas por seu fazer interpretativo ser, de alguma maneira, deficitário. O mal funcionamento do fazer interpretativo é uma característica que o “crente” parece compartilhar com o sujeito que “sabe mal” (analisado no tópico seguinte). Entretanto, chamamos a atenção para uma distinção: enquanto o sujeito que “sabe mal” detém um fazer interpretativo precário por contar com uma modalização, como veremos, atenuada e qualitativamente insuficiente, em que a relação estabelecida entre o sujeito e objeto tem ritmo e andamento rápidos, aquele que crê-saber parece ser refém de um fazer interpretativo sempre enviesado, para o qual a variação nas gradações (de ritmo, andamento, tonicidade) associadas a essa modalidade não representa seu aperfeiçoamento ou melhora.

De fato, a disforia associada ao crer parece definir uma baixa qualidade para os objetos cognitivos visados pelo sujeito, mesmo que este se modalize segundo um crer intenso e tônico, estabeleça com os objetos uma relação de ritmo e andamento lentos,

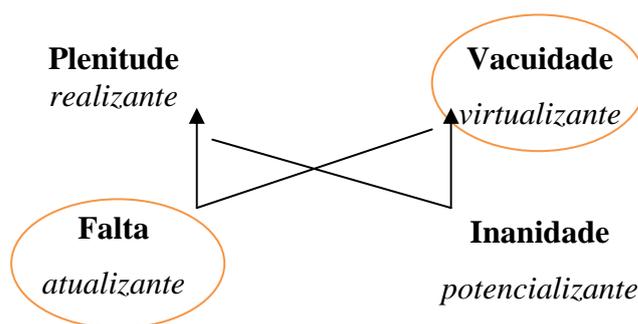
como é o caso, por exemplo, do *fanático*. De acordo com o observado no poema, pouco importa se temos um crer intenso ou extenso, uma relação entre sujeito e objeto átona ou tônica, de andamento lento ou veloz: o sujeito que crê não conhece seus objetos de *verdade*, operação cognitiva “bem-sucedida” que parece estar reservada ao âmbito da ciência, onde o sujeito modaliza-se de acordo com um saber.

Em certa medida, o estabelecimento dessa oposição põe em prática a dicotomia desaconselhada e apontada como falsa por Greimas (1983, p. 116) para os termos crer e saber. Revestida de um sentido maniqueísta, o que temos no poema é uma oposição polarizada entre crer e saber que concebe a ciência como uma prática rigorosamente isenta de crenças, noção já problematizada pela semiótica, como no seguinte trecho do *Dicionário de Semiótica* (2008) em que Greimas e Courtés apontam para a centralidade do crer também na ciência enquanto prática discursiva: “De fato, o crer não é somente o fundamento da fé religiosa, mas constitui também e entre outras coisas – certas análises recentes o mostram muito bem – a instância crucial do discurso científico” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 107).

Voltando à análise do poema, temos que quem crê-saber não sabe, mas como se distingue de outro tipo de sujeito: o que *sabe mal*?

4.2 Saber mal

Se o “saber mal não é ciência”, em que ele difere da crença? O advérbio “mal” que qualifica a modalização aponta a precariedade do fazer interpretativo do sujeito sobre os objetos em seu campo de presença. Temos aqui uma modalidade atenuada (+ -), que engendra um sujeito da falta. Como hipótese ainda a ser retomada e verificada, e influenciados pela definição de Fontanille (1982) de que o saber é *atualizante* e o crer é *virtualizante*, propomos alocar o sujeito da crença (aquele que “acredita que sabe”) na *vacuidade* (virtualizante) e o sujeito que “sabe mal” na *falta* (atualizante):



(FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 134)

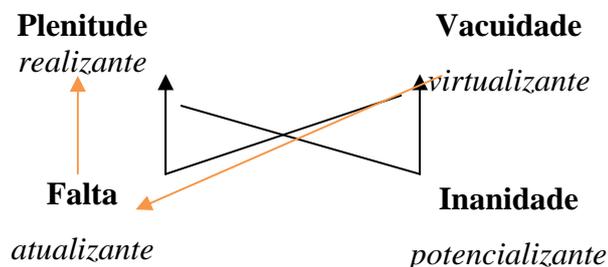
Os objetos do “saber mal” recebem do sujeito uma visada rápida e difusa, talvez por existirem em número demasiado, em um campo de presença amplo em excesso. De fato, o “saber mal” no poema opõe-se ao “saber pouco”, que implica poucos objetos cognitivos no campo de presença do sujeito. Se o crer extenso e átono é definido como aquele próprio do *ingênuo*, como proposto por Cruz (2008), encontramos no “saber mal” a configuração tensiva do saber extenso e átono, que pode ser concebida como a do sujeito *equivocado*. Uma diferença de tonicidade nos parece ser responsável pela distinção do *equivocado* em relação a outro sujeito do SABER, o *generalista*, que defendemos ter também muitos objetos em seu campo de presença e um SABER extenso, porém tônico.

O caráter precário associado ao fazer interpretativo do sujeito que “sabe mal” diferencia-se daquele apontado para o que “crê-saber” por ser reversível: ao diminuir a quantidade de objetos cognitivos visados, o sujeito que “sabe mal” torna-se mais competente para apreendê-los. De fato, se o número de objetos for reduzido, o ritmo e andamento de sua relação com eles forem desacelerados e a tonicidade for alterada de átona para tônica, aquele que “sabe mal”, como propomos aqui, o *equivocado*, assume a identidade modal e tensiva que concebemos para outro sujeito do saber, o *especialista*.

4.3 Saber pouco

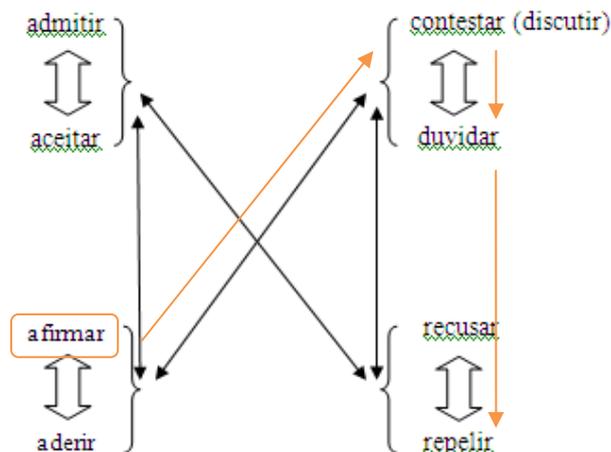
O saber pouco, euforicamente valorado na narrativa, implica alta densidade de presença do sujeito em relação a seus objetos cognitivos, que têm número reduzido. Temos aqui um saber intenso (em campo de presença reduzido) e tônico. O sujeito, por ser aquele que compreende os objetos cognitivos situados em seu campo de presença, é

entendido, aqui, como o sujeito da *plenitude*. Narrativamente, o poema nos apresenta o crer-saber, o saber mal e o saber pouco, obedecendo, assim, ao percurso:

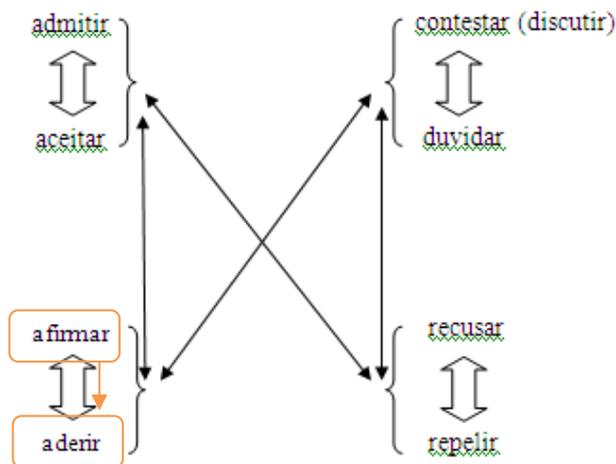


Porém, o saber, que ascende à plenitude ao configurar-se como “saber pouco” encontra-se em *lógica implicativa* com a dúvida: quanto mais saber, mais dúvida, como podemos observar no penúltimo verso “Pois, com o saber, cresce a dúvida”. A dúvida, no poema, é algo, no entanto, “que é preciso idolatrar sempre”. Essa categoria modal configura, assim, um elemento que não atrapalha a operação cognitiva do fazer-interpretativo, mas que, pelo contrário, a auxilia. De fato, o papel salutar da dúvida na construção do conhecimento vem a equilibrar um aspecto da cognição humana ressaltado em Fontanille (1982, p. 28) em: “a regra de virtualizações/atualizações recíprocas permitem explicar também que determinado ‘saber’ que ‘afirmamos’ rapidamente se torna um dogma ao qual ‘aderimos’”.

É preciso lembrar que Fontanille delimita “dois universos de racionalidade” (FONTANILLE, 1982, p. 11), um concernente ao crer e o outro ao saber, que pressupõem juntos “um mesmo sujeito cognitivo, suscetível alternadamente ao crer e ao saber” (FONTANILLE, 1982, p. 24). A adequação (ou fazer-interpretativo) é uma operação cognitiva dinâmica, em que “‘crenças’ e ‘saberes’ se virtualizam uns aos outros. Quando as operações de adequação são atualizadas em um sistema, elas são virtualizadas no outro” (FONTANILLE, 1982, p. 27). A passagem de um sistema a outro se dá por um *percurso transgressivo* que, em nosso poema, é desencatilhado pela dúvida. Se a dúvida incidir sobre o sistema do saber, desempenhando seu papel salutar de impedir que aquilo que *afirmamos* (de acordo com um saber) rapidamente se transforme num dogma ao qual *aderimos* (virtualização do sistema do saber para atualização do crer), esquematicamente temos:



O percurso afirmar – contestar é regressivo e, da *contestação* à *dúvida*, temos o *percurso transgressivo*. Ao duvidarmos, saímos do sistema do saber em direção ao sistema do crer para repelirmos o que sabíamos. A dúvida, assim, deve ser “sempre idolatrada” porque ela nos impede de, em percurso também transgressivo, sairmos do sistema do saber e entrarmos no sistema do crer ao deixarmos de afirmar para passarmos a aderir a algo, criando um dogma. Esquemáticamente, ela nos impede de realizar o seguinte percurso:



Desse modo, ao trilharmos *percursos transgressivos* em nossas operações de adequação cognitiva, estamos garantindo dinamicidade a uma construção de conhecimento que, somente se for dinâmica, conseguirá fugir ao dogma.

5. Algumas conclusões

Um produtivo protocolo de análise concernente ao universo cognitivo e os movimentos do sujeito interpretativo nesse domínio pode ser depreendido a partir da metodologia empregada por Fontanille (2007) e Cruz (2008). Em certa medida, tentamos reproduzir o método investigativo encontrado nos referidos textos de tais autores ao longo de nossa análise, sobretudo ao tentar aliar os conceitos semióticos de *modalização*, *tensão* e *identidade* do sujeito.

De nossa parte, trouxemos como ferramenta para análise a noção de *percurso transgressivo* como encontrada em Fontanille (1982). Apesar de sua perspectiva eminentemente categorial, a pertinência desse conceito teórico junto à análise de textos em que as modalidades *crer* e *saber* se encontram em jogo e em evidência, mormente quando matizado com noções próprias da semiótica tensiva providas pelos atuais desdobramentos da teoria, encontra-se demonstrada por meio da realização deste artigo. De fato, apesar da perspectiva categorial assumida por Fontanille em “Une point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’” (1982), que não poderia ser diferente dado o momento em que esse texto é produzido, o *percurso transgressivo* parece ser um esforço teórico para instaurar certa continuidade entre os universos ou sistemas do *crer* e do *saber*.

Os perfis tensivos traçados para os sujeitos do *saber* por nós apresentados, bem como as impressões suscitadas pelos tipos de sujeitos cognitivos em relação a seu *modo de presença* (*atualizado* vs. *virtualizado*) e *campo de presença* registrados neste trabalho apontam para uma rota de análise a ser retomada e desenvolvida em estudos futuros.

6. Referências bibliográficas

ALEXANDRESCU, Sorin [1983] Saying and (Dis)believing. In: PARRET, H. (Org.) *De la croyance. Approches épistémologiques et sémiotiques*. Berlim-Nova York: Walter de Gruyter Verlag, p. 16 – 30.

CRUZ, Dilson Ferreira da [2008]. Algumas considerações sobre o *crer* e o *saber*. *Estudos Semióticos*. [online] Disponível na internet via: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editor Peter Dietrich. Número 4, São Paulo. Acesso em 11/11/2011

FONTANILLE, Jacques. [1999] *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. [1982] Un point de vue sur 'croire' et 'savoir', *Actes sémiotiques*, IV, 31, p. 12.

_____; ZILBERBERG, Claude [1998]. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

GREIMAS, A. J. [1983] *Du sens II. Essais sémiotiques*. Paris: Seuil.

_____; COURTÉS, Joseph [1979]. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Penuela Canizal, Edward Lopes, Ignacio Assis da Silva, Maria José Castagnetti Sombra, Tiekō Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Contexto, 2008.

SHAKESPEARE, William [2005]. *The complete sonnets and poems*. Ed. Colin Burrow. Oxford: Oxford University Press.

ZILBERBERG, Claude [1988]. *Razão e poética do sentido*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Edusp, 2006.